

Heidegger e o outro pensar: uma breve leitura de *Que chamamos pensar?*

VÂNIA LÚCIA KAMPFF *

RESUMO O presente artigo busca percorrer alguns dos caminhos do escrito ‘*Que chamamos pensar?*’, de Martin Heidegger. Neste escrito, o filósofo vislumbra, no momento anterior ao advento da metafísica, pistas para o “outro pensar”, e, através da análise do fragmento VI do poema *Da Natureza*, de Parmênides, nos encaminha para o caráter primordial daquilo que então se designou por pensar.

PALAVRAS-CHAVE Pensamento, representação, metafísica, origem, ser.

ABSTRACT *This article seeks to go through some of the paths of Martin Heidegger’s ‘What is called thinking?’. In this writing, the philosopher envisions, in the moment before the advent of metaphysics, clues to the “other thinking”, and, through the analysis of fragment VI of Parmenides’ poem “On Nature”, leads us to the primordial character of what was then designated for thinking.*

KEYWORDS *Thought, representation, metaphysics, origin, being.*

* Doutoranda em Filosofia
pela PUC-Rio
Bolsista CAPES/PROSUP
vania.kampff@gmail.com

[...] *Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade, **Rosa do Povo**, p. 12.

O CAMINHO do pensamento de Heidegger que escolhemos trilhar percorre a trajetória dos cursos intitulados *Que chamamos pensar?* (GA 8), proferidos na Universidade de Freiburg, no inverno de 1951 e no verão de 1952, e publicados em 1954. Pensamos que a relevância deste escrito não só se prende ao fato de situar-se na primeira seção dos livros publicados de Heidegger – fato que aponta para a importância do texto para o próprio filósofo –, mas, sobretudo, porque compreende o caminho trilhado pelo pensar do filósofo quando retoma a cátedra da Universidade de Freiburg, após 6 anos de ausência, quando ficou proibido de lecionar pela comissão de desnazificação da Alemanha. Nesse momento de retorno à universidade vamos encontrar Heidegger questionando o que significa pensar nesse tempo de hegemonia da técnica, tempo em que a ciência adquire estatuto de verdade. Essas preleções nos dão pistas do que seria pensar para além da metafísica tornada tecnociência, e isso significa contemplar os dois umbrais: o fim e o começo. Consideramos, por isso, ser esse um caminho de fundamental importância no percurso do pensamento de Heidegger, um divisor de águas no qual é possível traçar o panorama daquilo que, para o filósofo, significa o fim da era do pensamento representacional e o anúncio de um outro pensar – um pensar originário. Não é à toa que os dois pensadores que pontuam o 1º. e o 2º. curso são aquele que prefigura o fim da metafísica e aquele que antecede o advento da mesma, nomeadamente: Nietzsche e Parmênides.

É importante notarmos que Heidegger se encontra num outro momento, diferente daquele da ontologia fundamental e de uma filosofia sistemática. Portanto, esse é um escrito que aponta caminhos, abre veredas para o pensar, ao invés de buscar respostas definitivas. Por razões de escopo deste trabalho não vou me reter na recuperação do primeiro curso. É preciso dizer que há momentos de grande interesse, especialmente com a relação que Heidegger estabelece entre a vontade de poder, o super-homem e o eterno retorno do mesmo de Nietzsche. Mas, gostaria de aproveitar o tempo da minha exposição para mostrar as potencialidades que estão concentradas na segunda parte das preleções, momento em que Heidegger se volta para o fragmento VI do poema *Da Natureza* de Parmênides. Sobre o primeiro curso gostaria, apenas, de trazer a questão da problematização da ciência e a crítica ao pensamento representacional, a

fim de abrir espaço para um outro pensar.

Heidegger inicia as preleções de inverno com discussão entre pensamento, ciência e poesia com a célebre frase: “a ciência não pensa.”¹ A frase, apesar de parecer uma crítica, propõe discutir a dimensão em que a ciência se move em relação ao pensamento. A afirmação não se dá como uma censura, mas, apenas, como uma constatação, uma observação sobre a essência da ciência, sua estrutura interna. A ciência não pensa porque a sua essência é a do método, do passo-a-passo. Simplesmente pelo fato de cultivarem somente um dos lados daquilo com que lida, a ciência exaure a possibilidade de contemplar a essência do seu saber. Preso ao tangível da ciência, o homem se encontra refém do domínio técnico que o interdita e afasta das questões essenciais que falam à sua alma, por isso, na seara da ciência o pensamento se retrai. Heidegger nos diz que “o mais problemático do nosso problemático tempo é que ainda não pensamos”², mas, não é que não pensemos, apenas não o fazemos de modo próprio. Isso tem a ver com o fato de o pensar ter sido entendido como lógica; uma proposta que nasce na escola platônica e é desenvolvida por Aristóteles, com a tripartição da filosofia em ética, física e lógica. O filósofo nos explica que decidiu-se, e de maneira bem própria e nada evidente, que por trás do nome lógica, o pensamento é entendido como *lógos*, e nessa inaparente equiparação, há milênios desconsiderada pelo pensar, subjaz o destino do pensamento ocidental.

Sob o título de Lógica compreende-se a doutrina do pensamento correto. A isso, entende-se a correção do pensar segundo um critério de construção, formas e normas que regem o pensamento de maneira a ordená-lo. A Lógica é, pois, entendida como a doutrina do pensamento correto, cujo traço essencial é enunciar algo sobre algo. Com isso, mal nos damos conta de que tal compreensão traz consequências irremediáveis para o *lógos*. Encontramos aqui a determinação do pensar como um falar, cujo o traço essencial assenta-se no enunciado, e isso determina um fechamento ao campo original da palavra. Pois, se pensar é enunciar algo sobre algo, nesse enunciar sonega-se algo desse pensamento na medida em que algo é dado como verdadeiro. Trata-se, pois, de uma verdade por correspondência, uma representação objetivada da coisa, e

1 HEIDEGGER, *Que Chamamos Pensar?*; trad. [inédito] Edgar Lyra, a partir de *Was heisst Denken?*. Tübingen: Max Niemeyer, 1954, p. 9.

2 *Ibidem*, p. 6.

Heidegger quer escapar desse campo gravitacional. O apelo do lógico como obrigatoriedade por toda a parte é sinal de um pensamento que não pensa e não entende que o lógico pode ser a norma que se molda ao pensar, mas, aquilo que fundamenta a norma nunca pode constituir o domínio do verdadeiro.

É preciso nos aproximarmos das palavras, não no sentido de suas representações, mas de forma a torná-las próprias com aquilo que é. Para isso, precisamos nos direcionar em sentido oposto àquilo possui caráter utilitário e prático. Devemos nos acercar do vazio, desse lugar onde habita o sentido das coisas. O homem deve-se pôr a caminho, deve aprender a pensar. O aprender a pensar é, para Heidegger, estar em sintonia com aquilo que se dirige a nós. Mas, como isso é possível? Para ele, chegar à região do pensamento só é possível através de um salto, um salto em direção ao abismo que, desconcertantemente, eleva e desnorteia o homem em direção à terra da liberdade de juízos, do aberto, para além das cercanias da opinião comum; um salto que “nos leva de súbito para lá onde tudo é outro.”³ Sigamos os passos do filósofo um pouco mais, afim de buscarmos novas pistas para o pensar.

Heidegger inicia o curso de verão afirmando que a pergunta “Que chamamos pensar?” apresenta uma multiplicidade de sentidos na sua formulação. Todavia, dentre essa multiplicidade, a pergunta “o que nos chama a pensar?” se sobrepõe e se mostra como uma pergunta doadora de medida. Trata-se de uma pergunta que nos põe em sintonia com um chamado e surge como uma forma de delinear uma diretriz, um caminho em direção àquilo que nos dirige a palavra a fim de que pensemos. Quando perguntamos por aquilo que nos convoca a pensar, estamos circunscritos a uma solicitação, uma exortação que nos dispõe a sermos alcançados por algo. Um chamado que sutilmente nos interpela a uma sintonia com algo que pode acontecer. Heidegger entende que há no pensar um resgate da nossa essência que é evocada e que precisa do pensar para ser considerada.

A fim de buscar algum sinal dado pela história da língua, algo que indique um caminho, o filósofo passa, então, a perscrutar as palavras pensar, pensamento, pensado, e vai encontrar na palavra *Gedanc*, oriunda do alemão arcaico, uma pista para o dizer original dessas palavras. *Gedanc* significa memória, gratidão, não no sentido de uma

3 HEIDEGGER, *Que Chamamos Pensar?*; trad. [inédito] Edgar Lyra, a partir de *Was heisst Denken?*. Tübingen: Max Niemeyer, 1954, p. 14.

recordação, mas, de uma fidelidade; um acolhimento que deixa a coisa na sua pertença, em uma salvaguarda. Uma outra palavra que também remete à memória é o *Andenken*, que significa lembrança fiel, algo que reúne na memória, mas que também diz respeito ao ânimo, ao coração⁴ e se volta em fidelidade para com aquilo que nos chama, “para essa voz silenciosa do ser que fala na linguagem.”⁵ É por este motivo que o pensamento fiel será inseparavelmente a lembrança e a memória desse dom que vigora nas palavras. Fazemos memória e agradecemos por algo que nos é dado, uma dádiva concedida que nos faz ser o que somos, a nossa própria essência. A gratidão aqui suscitada não é um ressarcimento, mas um acolhimento, pois “se o pensamento deve ser fiel ao ser, é em primeiro lugar e antes de tudo porque, situando-se no ser, deve guardar a memória de si mesmo, permanecer ordenado pela dignidade da sua própria essência.”⁶ Segundo Heidegger, o *Andenken* é a única possibilidade de pensar o ser como *Abgrund*, sem fundamento. O pensamento que se atém ao fundamento é aquele que se detém apenas no ente e no seu ser como presença constante, mas não pensa a origem. O salto proposto pelo pensador, nos diz Gianni Vattimo, nos distancia do princípio da razão suficiente.⁷ Todavia, esse salto não se dá para um vazio, há um solo, um *Boden*, que nos remete a uma origem, que nos distancia do caráter de fundamento. O *Boden* nos remete diretamente à ideia de desvelamento, diz Vattimo: “ao aludir a um fundo donde qualquer coisa pode ‘nascer’ (não: derivar casualmente), ele nomeia a presença no seu caráter de proveniência.”⁸ Assim, o *Andenken* se põe como um agradecimento, que no encontro do pensar com o ser não o dispõe, por isso, jamais pode presentificá-lo como objeto da representação. Essa lembrança fiel que o *Andenken* traz, nos leva a um outro começo, que Heidegger chama de *Andere Anfang*. E

4 Nas aulas de passagem, Heidegger ainda acrescenta ao significado de *gedanc*: “o ânimo, o coração, o fundo afetivo (*Herzensgrund*), o mais interno ao homem, o que mais amplamente se estende para fora, até o limite mais extremo, e isso de forma tão categórica que, pensada corretamente, não sobra apoio para a representação desse dentro e fora”. (cf. *Ibid.*, p. 121.)

5 ZARADER, *The Unthought Debt: Heidegger and the Hebraic Heritage*, Stanford, Ca.: Stanford University Press, 20062006, p. 68. Tradução nossa.

6 ZARADER, M. *Heidegger e as Palavras da Origem*; trad. J. Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 154.

7 O princípio da razão suficiente é uma temática abordada por Gottfried W. Leibniz no escrito *Princípios da Natureza da Graça fundados na Razão*, de 1714. Este princípio é baseado na ideia de “que nada sucede sem que seja possível [...] fornecer uma razão suficiente para determinar porque é assim, e não de outro modo.” (cf. LEIBNIZ, *Princípios da Natureza da Graça fundados na Razão*, §7, [online]).

8 VATTIMO, G. *As Aventuras da Diferença*; trad. José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 128.

aqui é importante ressaltarmos a diferença entre os dois vocábulos. Enquanto que o *Beginn* é o começo, aponta para algo temporal, diz respeito a uma extensão de tempo. O *Anfang* é o ponto de partida, o pontapé inicial, a origem, aquele algo que precede qualquer começo. Na origem o que é digno de ser pensado é o ser, o ser é a origem.

Heidegger percebe, então, que na aurora do pensamento Anaximandro, Heráclito e Parmênides têm medidas próprias para pensar o ser e que o pensar desses pensadores ainda está atravessado pelo poético. Na origem do pensamento, mito e *lógos* se relacionam, estão ligados à essência da linguagem, ao campo da palavra eloquente.⁹ Segundo Michel Haar, o mito traduz a conversa inabitual do ser com os homens, guarda na essência da palavra aquilo que se manifesta ocultando-se e revelando-se: o próprio ser. E o *lógos* está enraizado no mito, é aquilo que unifica os seres, os traz à sua identidade mais própria, reúne em si o mistério de todas as coisas, é a *Versammlung* original. O *lógos* não diz respeito à razão, o *lógos* entendido como *ratio*, na interpretação romana, deixa de salvaguardar a relação do ser com o homem e se torna o *lógos* enunciativo. Gadamer nos diz que, na origem, palavra e nome estão tão imbricados com a coisa à qual se referiam que pareciam pertencer ao próprio ser da coisa. Quando palavra e nome passam a representar algo, palavra e nome se dissociam e perdem a relação com o ser daquilo.

O fragmento VI do poema *Da natureza* de Parmênides surge, então, como um caminho de resposta àquilo que nos chama a pensar; um caminho contrário àquele da petrificação metafísica que se deu com a tradição filosófica e que teve como grave consequência o trágico destino do domínio técnico e da objetivação do ser. É dessa abertura de caminho que Heidegger encontra em Parmênides que gostaríamos de nos ater agora. O fragmento VI diz: *chré to légein te nóein t'éón émmenai*. A tradução usual fala: é preciso dizer e pensar que o ente é. Segundo Heidegger, há aí uma polissemia. É preciso ouvir as palavras nelas mesmas e nessa recepção nos colocarmos em sintonia com aquilo que a palavra diz. Não nos damos conta de que Parmênides esteja a nos soprar

9 Heidegger nos chama a atenção para o fato de que o *lógos* e o mito terem sido usados pelos primeiros pensadores da Grécia com o mesmo significado. Para o filósofo, *lógos* e mito só deixam de se relacionar a partir de Platão, quando a lógica atravessa o pensamento. Heidegger nos esclarece que a ideia de que o mito foi destruído pelo *lógos* tem a ver com o fato da Filologia e da História terem por base o platonismo herdado do racionalismo moderno. (cf. HEIDEGGER, *Que Chamamos Pensar?*; trad. [inédito] Edgar Lyra, a partir de *Was heisst Denken?*. Tübingen: Max Niemeyer, 1954, p. 11.)

à alma aquilo que seja pensar. Passemos, sem mais demora, à análise dos vocábulos da sentença de Parmênides.

Heidegger nos faz entender que o *chré* está relacionado ao verbo *chrao*, que significa usar, manusear. Diz respeito ao *Brauch*, que no alemão nos fala de um uso no sentido original, um uso que deixa ser o que é, que deixa na essência, que plenifica. É nesse sentido que devemos entender o é necessário. *Légein* e *nóein* entendidos como dizer e pensar também não traduzem o dizer dessas palavras, há nelas uma plurivocidade. No tronco linguístico de *légein*, encontramos *legere* e *lesen* que significam colher, apanhar. O *lesen* como ler é apenas uma variação do ajuntar. Segundo o pensador, o *légein* deve ser interrogado a partir do *lógos*, e se acercar da ideia de reunir, colher, sendo a essência da colheita (*Versammlung*) o pôr ao abrigo, o preservar, o conservar; algo que só é o que é quando se reúne naquilo que essencialmente o predetermina. O *légein* grego assim concebido, nos aproxima do *legen* alemão como pôr, propor, expor, dispor reflexivamente e fica entendido como algo que se assenta diante de nós e aparece. Algo que independe da ação do homem, vem à cena por si mesmo. Com o *nóein* acontece a mesma coisa em relação ao pensar. Heidegger nos diz que tradução por perceber é mais cuidadosa. Mas, no perceber não nos atemos a uma passividade. Trata-se de uma receptividade ativa, algo que nos interessa, como em um farejar, um pressentir, que em um sentido primevo, original diz: algo que nos sobrevém e se oferece à atenção, à memória, ao coração para que aí o retenhamos. Não há dominação, mas, uma salvaguarda. *Chré to légein te nóein* fica compreendido por: “é necessário deixar assentar diante de nós e prestar atenção à...”. Temos aí uma articulação.

Quanto ao *eón* / *émmenai* (antiga forma para *einai*), também aí encontramos uma polissemia – os termos *ente* e *ser* são vazios de sentido. Lembremos da tradição que, segundo Heidegger, pensou o ser e falou do ente. Para o filósofo, há uma relação recíproca entre os termos. O termo *ente*, gramaticalmente falando, aceita duas significações: uma verbal e uma nominal. Por exemplo, florescente tanto pode ser aquilo que floresce, como o florescer. O *ente*, também, tanto se refere àquilo que é como ao *ser*. Nesse caso, o particípio presente se relaciona com algo que é duplo, incorpora em si um outro, mesmo que oculto. Essa duplicidade ou copertencimento é entendida por Heidegger como o lugar em que o ente se consubstancia no ser e este como ser do ente. Todavia, essa dobra entre ser e ente, também nomeada de acontecimento, nos fala desse caráter eventual da presença que jamais deixa-se comprovar. O *eón*

fica, então, entedido como o que se faz presente (*das Anwesende*) e o émmenai como o presentificar-se (*Anwesen*). Ambos designam uma duração, nos falamos de algo que se assenta diante de nós. Mas, como a palavra essência pode designar uma duração? Não seria ela imóvel, eterna e imutável? De acordo com Heidegger, o termo essência (*Wesen*) deve ser entendido na passagem da forma nominal para a verbal; deve ser entendido como morar, demorar, evocando aí uma duração que rege toda a vinda à presença. A essência (*Wesen*) deve ser compreendida no processo de vir a ser de uma presença que não chega ao âmbito do desocultado, ou seja, é na demora da desocultação que a essência se presentifica. E essa demora não é imóvel, não é permanência, é, ao contrário, acontecimento, chegada, reunião, automanifestação, o brilho luminoso do que se assenta diante de nós a partir de uma ausência. Nos referimos, pois, a um campo de presença constituído de uma ausência. Marlène Zarader nos fala que Heidegger chega a usar a palavra *anwesung*, entre os anos de 1939 e 1940, para falar dessa irrupção na presença, em oposição ao *Anwesenheit*, que seria um estado de presença. Perguntamos: qual é o problema que encontramos com o termo presença? O problema é que a compreensão da essência como pura presença não só aniquila a presença em favor de um presente, mas, também, perde a relação com a ausência, ou seja, a compreensão da essência como pura presença não dá conta do movimento que se estabelece na relação entre ausência e presença.

Chré to légein te nóein t'eón émmenai fica compreendido por Heidegger como: “É necessário deixar assentar diante de nós e prestar atenção ao presentificar-se do que se faz presente.”. Todavia, para que a essência do pensar se revele, ainda temos que direcionar o *légein* / *nóein* ao *eón* / *émmenai*. Devemos buscar uma articulação de modo a entendermos como o pensar se relaciona ao ser. O pensador se volta, então, para o frag. III do poema, quando Parmênides diz: “pois o mesmo é ser e pensar”. Mas, o que é o mesmo? Ser e pensar são coisas distintas, *tó autó* não quer dizer igual. Igual é *hómoion*. Podemos falar de uma unidade, mas não de uma uniformidade. O mesmo nos fala da relação de pertença mútua onde o *nóein* participa do *einai*, uma pertença-mútua que não pode ser entendida como identidade no sentido que a tradição entendeu: em que todo o ente pertence a uma unidade consigo mesmo, instaurando a identidade no ser e este como fundamento do ente. Não! Pensar o ser a partir da identidade é um salto que nos distancia da ideia de fundamento para o comum-pertencer entre ser e homem. É esta a comunidade que se forma a partir do acontecimento apropriativo (*Ereignis*):

ser e pensar pertencem ao mesmo e formam uma relação que se estabelece no interior do ser. Trata-se de um comum-pertencer que se dá na medida em que o pensar do homem se abre em direção ao ser e forma com ele uma relação que o plenifica, e, nesse sentido, pensar acaba por definir o próprio ser, pois, “o reino do ser não pode ser entendido sem o co-reino do pensamento.”¹⁰ Por outro lado, o pensar só é pensar quando iluminado pelo ser, ou seja, só é possível compreender o pensamento como um pensar próprio quando o encontramos a caminho do ser, quando o pensar responde ao chamado do ser. É por isso que na pergunta: “que é isso que nos chama a pensar?” Heidegger evoca o *Andenken*, que significa memória, gratidão. Porque o pensar pertence ao ser, deve ser fiel a ele, guardando em si a memória da sua própria essência.

Através dos caminhos que aqui buscamos percorrer, entendemos que, para Heidegger, pensar só é pensar a partir da dobra entre ser e ente, e é nessa dobra que se resguarda o chamado ao pensar. O pensar assim entendido nada tem em comum com a faculdade do homem, mas é o acontecimento em que o homem chega ao ser. Nisto se realiza um acontecimento histórico – cumpre-se o destino do homem como guardião do ser. Entretanto, perguntamos com o pensador: seria o pensar capaz de nomear esta dádiva num dizer original?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. *Que Chamamos Pensar?.* Trad. [inédito] Edgar Lyra, a partir de *Was heisst Denken?.* Tübingen: Max Niemeyer, 1954.

_____. “Identidade e diferença”. In: *Os Pensadores: Conferências e Escritos Filosóficos.* Trad. E. Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *Heráclito.* Trad. Márcia Sá C. Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

_____. “A Essência da Verdade”. In: *Marcas do Caminho;* trad. E. P. Giachini e E. Stein. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹⁰ HEIDEGGER *apud* ZARADER, *Heidegger e as Palavras da Origem;* trad. João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990, p. 142.

GADAMER, H-G. *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Trad. Flavio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAAR, M. *Heidegger and the Essence of Man*. Trad. William McNeill. Albany: State University of New York Press, 1993.

LEIBNIZ, G. [online] *Princípios da Natureza da Graça fundados na Razão*; Trad. Artur Morão. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/>. Acesso em: 10/04/16.

VATTIMO, G. *As Aventuras da Diferença*. Trad. José E. Rodil. Lisboa: Edições 70, 1980.

ZARADER, M. *Heidegger e as Palavras da Origem*. Trad. João Duarte. Lisboa: Piaget, 1990.

_____. *The Unthought Debt: Heidegger and the Hebraic Heritage*. Stanford: Stanford University Press, 2006.